

A LENDA NO LITORAL PAULISTA (1).

O litoral paulista merece, sem favor, a designação de cenário de epopéias.

A sua beleza, de misteriosas sugestões, as suas praias e enseadas, as suas pontas e encostas, as suas ilhas e montanhas, os seus penhascos, os seus vales, as suas águas, subjagam docemente os seus visitantes em perene admiração e deixam nos corações dos seus naturais o desejo irresistível de viver sempre nesse ambiente, sentimento que só encontra correspondência na imensa saudade dos que dêle se afastam.

Nessa característica sentimental do povo litorâneo, influíram também, forçoso é que se diga, além do meio natural, as qualidades dos ancestrais, o bom e heróico português que aqui nos deixou quase que integralmente os seus defeitos e as suas virtudes.

Para a epopéia, oferece o litoral paulista acontecimentos e factos de importância desmarcada.

Sem se falar na fundação de São Vicente, na fundação de Santos, de São Sebastião, Vila Bela, Caraguatatuba, Ubatuba, Itanhaem, Iguape, Cananéia, mesmo sem se entrar no estudo e na apreciação do significado básico dessas fundações, do esforço hercúleo que elas representam, aí está o feito de Nóbrega, Anchieta e Adorno, de Cunchambebe e Piñdoboçu salvando a integridade do Brasil no armistício de Iperoig. Aí está a resistência ao corsário, heróica e profícuca. Aí está no estabelecimento dos engenhos como factores dos primórdios da nossa vida econômica bem como as armações para a pesca da baleia, empresa em que davam os homens do litoral as provas mais impressionantes da sua coragem.

Não se esqueça também o bandeirismo, a marcha para o sertão desconhecido e misterioso, que iniciaram, em busca do ouro e, assim, devassaram, alargaram e conquistaram o Brasil, a mais preciosa de tôdas as gemas.

Zona onde, compreendendo tôdas as suas localidades, nasceram poetas, pintores e músicos notáveis, inventores e homens públicos

(1) — Trabalho escrito, em 1939, para o número inicial, até hoje inédito, da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santos, do qual o Autor foi o primeiro presidente em exercício, e publicado, póstumamente, por interferência do seu particular amigo, Dr. Edgard de Cerqueira Falcão, que se encarregou da revisão (Nota da Redação).

dos mais ilustres, que enchem de glórias o seu passado, não se estranha que aí também tivesse nascido, no século XVII, o verdadeiro pioneiro dos bons caminhos, o homem apaixonado pelo problema dos transportes, Padre Manuel Alves de Faria Dória, natural de São Sebastião, que sonhou e realizou, à custa dos mais ingentes esforços, a ligação da sua cidade natal ao planalto, abrindo através da mata a estrada carroçável que, apesar de violentamente trancada pelos caprichos do partidarismo, conserva até hoje o seu nome, indelevelmente, na memória do povo, como a responder, tal justo castigo, à maldade dos seus adversários.

Ao lado dessa elite, dêsse vultos de escol que são muitos e que merecem a atenção dos historiadores e biógrafos em estudos que provoquem edificantes emulações nos contemporâneos, manda a justiça que não fiquem esquecidos os anônimos, os fortes mas resignados habitantes da zona, aquêles que nunca a abandonaram, presos aos seus misteriosos amavios, aquêles que escreveram essa grandiosa epopéia das canoas, aquêles que nessas embarcações sem convés, algumas com capacidade de vinte toneladas, demandavam, remando, o pôrto de Santos, vindos de Ubatuba, Caraguatatuba, Vila Bela, São Sebastião.

Era o esforço para se não deixarem isolar dos maiores centros, era a força indomável do comércio, era a irresistível atracção que Santos sempre exerceu sobre os filhos das outras localidades do litoral.

Cada uma dessas canoas, com seus nomes evocativos, existe ainda na tradição da zona, lembrando lances de heroísmo ou naufrágios dolorosos.

Não se discute, por ser matéria pacífica, a importância económica do litoral em tempos mais remotos. Discute-se o porquê, com excepção de Santos, ficou tão rica e nobre zona tanto tempo abandonada, para só agora apresentar começos de renascimento.

A verdade é que foi rica e procurada no passado. Para comprová-lo, se não bastarem as deficientes estatísticas, aí estão as ruínas das velhas fazendas de cana, as habitações solarengas e as fortificações espalhadas por toda a costa.

Em São Sebastião e Vila Bela há inúmeros fortes já estudados, aliás, por esse grande artista, amoroso praiano, que se chamou Benedito Calixto.

Há o do Araçá, da Praia da Ponta da Cruz, da Sapituba, da Ponta das Canas, Armação, o da Princesa em Vila Bela, todos em ruínas, como os do Sul e os da Bertioga, onde o de nome São Luís, foi artilhado e comandado no século XVII, pelo Coronel António Francisco da Costa.

Marcante característica dos habitantes do litoral, foi o seu espírito religioso, o seu sentimento profundamente católico, como, por felicidade, ainda o é e o será cada vez mais.

Para prova do desvêlo religioso dos antepassados aí estão, no Sul, como centros de Fé, a matriz de Cananéia e o suntuoso Santuário do Bom Jesus de Iguaue.

Em Santos, a Ermida de Nossa Senhora do Monte Serrate, o Convento de Santo Antônio do Valongo e dos Beneditinos. Aí estão os velhos templos de Itanhaem e São Vicente.

Em São Sebastião, lá está a velha matriz repleta de evocações e o convento de Nossa Senhora do Amparo, dos beneméritos franciscanos, e em que se transformou, no século XVII, a antiga Capela de Nossa Senhora dos Desamparados, erigida por João de Abreu, um dos colonizadores da região.

Em Vila Bela a igreja de Nossa Senhora da Ajuda, em Caraguatuba a de Santo Antônio, em Ubatuba a Matriz, tôdas cheias de tradições e com ambiente impregnado de Fé.

Além dêsses templos de vulto, existem numerosas capelas e cruzes, tôdas com os seus cultos e as suas tradições, muitas ainda bem conservadas, como a de Sant'Ana, na velha fazenda que tem o nome dêsse glorioso orago, em São Sebastião, e cujo Breve Apostólico que lhe concedeu prerrogativas data de 1782 e se encontra no arquivo do Autor.

Não admira, pois, que nesse ambiente tão cheio de factos históricos e tão repassado de emoções, existam as lendas e as ficções nas quais sempre há, porém, a verdade de um grande sentimento.

Não se propõe o Autor destas notas a contar tôdas, nem a rememorar as histórias dos tesouros ocultos, que talvez só existam na imaginação do povo, como o da Ilha do Bom Abrigo, já explorado literariamente por êsse delicado poeta e profundo historiador do litoral que é Paulino de Almeida.

Passa a referir-se, apenas, às seis mais vulgarizadas, algumas delas já postas em letras por finos escritores e jornalistas, como Antônio Manoel Fernandes, santista de saudosa memória, e Francelino Cintra.

São as seguintes: lenda do milagre, lenda do castigo, lenda do culto, lenda da fé, lenda do mistério, lenda do amor.

LENDA DO MILAGRE

Era no tempo dos Piratas. Cawendish, Cook, Fenton, Roggewyn e outros faziam proezas. A nascente Vila de São Sebastião, que tomou êsse nome da majestosa ilha em frente, onde se levanta, graciosa, Vila Bela da Princesa, já entesourava riquezas. Cobiçaram-nas os piratas. Um dêles resolveu o assalto, mas receiava a reacção dos habitantes, entre os quais sabia que havia intrépidos sertanistas. Recorreu ao ardil. Escondeu os seus navios na face norte da Ilha e mandou à terra um marinheiro que falava português. Era maneiroso.

Foi bem acolhido pelos sebastianenses que o tinham como um naufrago. Dias depois desaparecera da povoação, voltando para bordo do navio capitânea no batel que havia escondido em praia deserta. Levava preciosas informações quanto às riquezas, às fortificações e aos hábitos do povo. Sabia do momento em que o povoado estava entregue somente aos velhos, às crianças e às mulheres, por se ausentarem para os trabalhos das fazendas e das entradas para o sertão, os homens válidos nas pelejas.

Assentado o assalto, voltou o espião para orientar o desembarque; tocado, porém, pela hospitalidade do povo, arrependeu-se da vileza, denunciando o plano dos piratas, mas quando as naus inimigas já bordejavam em demanda do canal.

Dado o alarme, organizaram a resistência como puderam. Era porém insuficiente.

Foi então que o velho vigário, homem de excelsas virtudes, levou para a igreja do povoado os velhos e as crianças que não podiam pegar em armas. Foram orar, combater o inimigo de outro modo, pedir ao glorioso Padroeiro, que fôra militar, o milagre de salvar o seu povoado, livrando os habitantes dos sofrimentos inenarráveis que anteviam.

Estavam nessa súplica, cheios de fé, quando, em certo momento, levantando o velho padre os seus olhos para o altar, alí não viu a imagem do glorioso santo. Era o sinal do milagre! O desembarque não se dera, antes fugiam os corsários para o largo, apressadamente, em manobras desordenadas como que tomados de súbito pavor.

Houve depois quem contasse o estranho facto. Fugiram os piratas porque avistaram na praia de São Sebastião, em frente ao povoado, grande e aguerrido exército, sob o comando de jovem e ágil general de espada desembainhada e capa solta ao vento.

Era o padroeiro com as suas hostes, que ouvira a súplica sincera do bom padre, dos velhos e das crianças e viera em defesa da terra que o escolhera para protector. Era o prodígio da Fé.

Efeito da lenda ou império de maravilhoso misticismo, a verdade é que, em São Sebastião, não há quem se não emocione quando a majestosa imagem do padroeiro sai da velha matriz para a procissão de 20 de janeiro. Sentem todos a impressão de absoluta segurança, como sob a protecção divina, e o ambiente da legendária cidade fica todo repassado de graça.

LENDA DO CASTIGO

A função ou batuque, a cirandinha, o caranguejo, a quebra-chinquinha são as danças prediletas dos praianos. De uma ou outra vez também fazem congadas ou dançam o jongo. Há entre elles exímios violeiros e cantadores, muitos repentistas, principalmente os chama-

dos versistas das Folias que se organizam para angariar donativos destinados às Festas Religiosas, notadamente do Divino.

Em noites enluradas e calmas, é um prazer ouvi-los cantar em suas canoas, ao ritmo das remadas. E as suas cantigas não são irreverentes. Tôdas se inspiram em motivos amorosos, religiosos, costumesiros, panorâmicos e naturais.

O rádio, o contacto com outra gente teem modificado muito a cantoria e a dansa dos praianos. Há, porém, ainda os que sabem organizar uma função e que se levantam nas belas madrugadas de dezembro e janeiro para cantar Reis.

Nos tempos antigos, então, não perdiam oportunidades. Qualquer dia santo festivo era motivo para folganças. Respeitavam, porém, como ainda respeitam, a grande Semana da Paixão. Nesses dias nem temperavam as violas. Ai daquêles que transgredisse o preceito. Ficava mal visto. Dêles todos se afastavam.

No trecho encantador que vai da cidade de São Sebastião para o Norte, em demanda de Caraguatatuba, e que João Pedro Cardoso, homem viajado, classificou como a paragem mais bela do mundo, há um recanto, perto do forte de Sapituba, que encerra uma história sacrílega.

Existia aí uma casinha onde se reuniam os pescadores à espera da hora das pescarias. Em uma noite de Sexta-Feira da Paixão, estavam nessa casa alguns dêles esperando a madrugada para lançarem suas redes.

Quebrando o respeitoso silêncio que a todos envolvia, entrou casa a dentro, de viola em punho, um guapo rapaz que propunha um batuque. Ninguém quis atendê-lo. Abriu o garrafão de pinga que levava. Todos beberam, menos uma velha e uma criança que moravam na casinha. Esquentaram-se os pescadores. Perderam o respeito à grande Noite. Entraram a dansar.

A criança fugia do violeiro, notando que êle tinha pé de pato. O demônio sempre se denuncia por mais dissimulado que ande.

A velha estarecida diante do sacrilégio, tentou impedir a continuação dos folguedos.

Respondeu-lhe o estranho violeiro, pulando para o meio da sala, tocando e cantando uma quadrinha irreverente. Era demais! Perseguiu-se a velhinha, saindo da casa com a criança.

A própria natureza revoltou-se. Houve um estrondo que repercutiu através da noite calma de luar. A casa afundou.

Ainda hoje, em noite de Sexta-Feira da Paixão, não se aproximam os pescadores dêsse local, pois aí, se ouvem as danças e as estranhas cantigas, de mistura com as imprecações dêsses infelizes sacrílegos, em castigo infernal, por não terem sabido respeitar o Criador.

LENDA DO CULTO

Garapocaia, pitoresca praia dêsse jardim encantado que é a face ocidental da Ilha de São Sebastião, mereceu do imortal Martins Fontes êsses versos maravilhosos:

"Jamais hei de esquecer. Garapocaia,
Teu aspecto selvático e reinol,
Quando ouvia fonolitos na praia,
As itatengas badalando ao sol!

As pedras cantam nas areias de ouro,
Aos embates dos verdes vagalhões:
Há sons de tintinábulo, em côro,
Redobrar de bronteus e carrilhões!

Não se repinta a sensação de espanto
Dessas litofonias ao luar:
A miragem, ao longe, é um campo-santo,
Onde soluça o canto-chão do mar!

Velhas casas, ruínas avoengas,
Moitas de brejaúva e cragoatá...
E, em perequê perene, as itatengas
Troando desde o Zabumba ao Mangaguá!

Tem o sabor da bárbara beleza,
Do caju, do cajá, do cambuci,
Degustada na língua portuguesa,
A acidez do vocábulo tupi.

Para impedir, em desespero horrendo,
A horda estrangeira, cada vez maior,
Nessas rochas, os incolos batendo,
Convocavam as tribos de em redor!

Sagrada sejas tu, praia selvagem,
Cheia de orgulho, de pudor hostil,
Em que os calhaus sinfônicos reagem
Contra a invasão nos templos do Brasil!

Nessa praia se encontram as "Pedras do Sino" que o grande poeta tanto exaltou.

Pedreiros estranhos, que últimamente lá estiveram, quase destruíram esta maravilha, quebrando as pedras para construções. Algumas ficaram na reacção sagrada, a que alude o poeta. Não houve ainda explicação científica plausível para êsse fenómeno. No local, quando tocadas, soam essas pedras como sinos. Tiradas dali, perdem a sonância.

A lenda, porém, vulgarizou a causa dessa maravilha.

Em tempos passados, pescadores que se encontravam no canal de São Sebastião, em horas altas da noite, viram uma grande caixa cercada de luzes. Dizem que era a Imagem do Bom Jesus de Igua-

pe. que por ali passava, abençoando e ligando por laços indissolúveis o litoral paulista.

Não n'a saudaram os homens. Não repicaram os sinos da Igreja da Armação. E o que não fizeram os homens, fê-lo a natureza. Ao contacto das ondas, soaram as pedras em homenagem e como culto à Imagem do Salvador, que passava.

E desde então ficaram sonantes como sino.

LENDA DA FE

No caminho de São Sebastião para Santos se encontra uma das mais antigas fazendas do Litoral e onde se deu uma sangrenta revolta de escravos. E' a Fazenda do Gaecá, na praia do mesmo nome, e onde os piedosos frades carmelitanos, seus proprietários, tiveram uma capela sob a invocação de Nossa Senhora da Luz.

Aí nessa praia existe uma gruta que o povo denominava "Buraco do Bicho". E' curiosíssima esta caverna que se abre para a praia em rêsca feita na rocha e que se vai estreitando para os fundos até terminar em zero no centro do penhasco, como se fôsse feita por um gigantesco trado.

Dizem que uma colossal serpente vivia dentro desta rêsca que, segundo versão antiga, fôra cavada pelo próprio monstro.

Não saía da toca mas atraía as embarcações que tentassem entrar à barra, devorando os tripulantes.

Anchieta, o santo evangelizador do Brasil, que fêz das lindas praias de Ubatuba a página em que escreveu o seu poema à Virgem, Anchieta, o grande apóstolo da civilização cristã, impressionado com o estranho facto, que apresentava como obstáculo ao progresso da região que tanto amava, resolveu aniquilar o terrível e fantástico bicho.

Subiu no penhasco. Amarrou-se a uma árvore e esconjurando o monstro, espargiu água benta sôbre a grande toca.

Ouviu-se grande estrondo. Era a serpente que, vomitando o sangue de suas vítimas, saía da toca onde vivia enquistada, abrindo-se o mar imenso à sua passagem em demanda do ignoto.

Era a Fé vencendo o Mal.

Dentro dessa caverna pinga continuamente água cristalina e pura, a qual os antigos atribuíam efeitos miraculosos, acreditando que era água benta espargida pelo padre.

Merece reflexão o profundo simbolismo desta lenda.

LENDA DO MISTÉRIO

Ao sul da Ilha de São Sebastião, bem ao largo, como que perdido na imensidade das águas, levanta-se o arquipélago dos Alcatrazes.

zes. Apresenta o aspecto de um penhasco procurado pelas aves marinhas, que ali fazem pouso.

Dêle, portanto, não se pode dizer o que disse Joaquim Sarminho de outro penhasco, neste sugestivos versos:

"Junto ao costão do mar, êsse painel sombrio,
Me faz transir de horror,
Me faz tremer de frio...
Sôbre sua face, o sol não tem brilho e calor,
Como se nela houvesse a luz crepuscular,
Feita da névoa em flor da região polar...

Enorme bloco agudo ao meio bi-partido,
Soergue para o céu áscuas de granito;
Estático, semelha, um monge acometido
De um súbito furor contra Deus Infinito!...

Negro, tétrico, abrupto, em tórno dêle as aves
Marinas, que o tufão, rugindo, à terra impele,
Esvoaçam piando; enquanto ao longe as naves,
Lutam contra o furor da vaga que as repele...

Sobre êle não medra,
Nem grão, nem flor: que a pedra,
Não abre o duro seio aos ninhos e aos arbustos,
Não tem brisa aromal, nem pássaros cantores...
Estéril, pavoroso, os dois picos adustos,
Não recebem da selva os cálidos vapores!...

Entre os homens, também, há dêsses espantalhos:
Almas feitas de pedra.... Almas sem coração!...
— Quando os verdes surgir, fugi pelos atalhos,
Como as aves fugindo à pedra do costão!...

Esse aspecto comum dos Alcatrazes, transmuta-se, porém, conforme o tempo, em diferentes miragens.

Aparece às vêzes como um grande corssel, como uma imensa catedral, como um palácio, um transatlântico moderno ou um veleiro.

Dizem que é lugar encantado, remanescente da Atlântida ou fragmento deixado pelo cataclisma que separou a América Meridional da África, fazendo desaparecer aquêlê lendário continente de fabulosa civilização.

Afirma a tradição que os indígenas e os antigos temiam êsse arquipélago, tendo-o como misterioso por causa talvez das suas miragens, e que o encantamento desapareceria no dia em que um casal de gente preta levasse para lá sete casais de bichos pretos.

Estará nisso a explicação de possível origem africana dêsse lindo penhasco? Teria então o arquipélago outros mistérios?

A versão em voga era que os Alcatrazes, com as suas miragens, como que manifestava a esperança de voltar ao que fôra e que, em certo dia, um grande estrondo faria desaparecer o penhasco para,

em lugar dêle, ressurgir um continente com cidades fulgurantes de progresso.

Nota-se aí, embora envolta na ficção e no mistério, a crença nas forças da esperança e da vontade atribuídas pela imaginação do povo, até às próprias cousas inanimadas.

LENDA DO AMOR

A praia da Fazenda, em São Sebastião, é um dos mais formosos lugares do litoral paulista. Aí se encontra em vale esplêndido a secular Fazenda de Sant'Ana com o seu sobrado solarengo, e seus aquedutos, as suas casas de engenhos e senzalas. Era grande produtora de açúcar, aguardente e café.

Nela está a Capela de Sant'Ana, reliquia do passado, privilegiada por fôrça de antigo Breve Apostólico. Exerceu essa propriedade e a sua gente grande influência na vida econômica e social da zona.

Em frente, para que nada falte à contemplação maravilhosa de seus panoramas, Vila Bela se apresenta, na Ilha, como uma visão encantada.

Estende-se essa praia, em curva graciosa, entre duas pontas: a do Partido ao Norte, a da Cruz ao Sul. A esta última se prende a bela lenda que o Autor classificou como lenda do amor, mas a qual comumente se dá o título de "Lenda do Pontal da Cruz".

Em uma casinha, entre coqueiros e laranjeiras, bem perto dessa ponta, vivia um velho pescador, em companhia de uma filha de grande beleza e incomparável bondade.

Dela se enamorou um guapo rapaz habitante da Ilha em frente. Para vê-la tôdas as tardes, atravessava o canal em frágil canoa. E enlevados viviam os dois, felizes como ninguém mais podia ser.

Em certo dia, porém, passou por ali um outro rapaz, vindo da Côte, filho de um cirurgião que vivia na cidade. Era maneiroso, romântico, atraente. Também enamorou-se da filha do velho pescador. Prometeu-lhe casamento.

Nova paixão nasceu no coração da moça, que passou a ficar triste e a definhar. Era o choque de sentimentos em coração sem maldade.

Já as tardes não eram formosas para o namorado que atravessava o canal em frágil canoa. Desesperava-se com a molestia da namorada. Procurava remédios por tôda a parte.

Percebendo, porém, a causa da tristeza da moça e pensando mais na felicidade dela do que na sua, tomou uma trágica resolução, oferecendo-se em holocausto ao que lhe parecia ser salvação de sua amada.

Em uma tarde agitada pelas brisas do norte, tomando a canoa de volta para a Ilha, abandonou o remo e a vela, deixou a pequena embarcação sem govêrno, entregue ao vento e às ondas. Uma rajada mais forte virou a canoa e o pobre rapaz pereceu afogado.

No dia seguinte, foi o seu corpo encontrado sôbre as pedras da ponta. De saudades morreu a moça e nas pedras dessa ponta, em memória daquêlê sacrifício, erigiram uma cruz de pedra, e perto dela, juntinhos, nasceram dois abricoeiros, que lá ainda estão e o povo contempla com respeito e emoção, como símbolos daquêlê amor sem igual, que acabou em sacrifício e saudades.

MANUEL HIPÓLITO DO RÊGO